

## EDITORIAL

Patrik Vezali

Caro leitor!

Nesta edição a ideia de coletivo toma o foco para tratar de questões relacionadas à processos criativos de territórios que vão do trabalho terapêutico com doentes mentais, passando por processos e métodos “cênicos” propriamente ditos, por reflexões sobre a performance e por metodologias interdisciplinares entre dança e som, para chegar na criação em si com o documento artístico “Sob o sol das cabras” de Sara Panamby e Filipe Espíndola. Então, para a Llinx 7, que marca o início de nosso terceiro ano de publicações, selecionamos 7 textos que tratam, em geral, de metodologias de processos criativos.

Temos a contribuição chilena de **Francisca Morand** que nos apresenta as bases iniciais e primeiros procedimentos metodológicos de processo criativo interdisciplinar entre dança e som, através da descrição do projeto Emovere da Universidade do Chile.

Do Brasil apresentamos os artigos de **Nitza Tenenblat**, da UnB, que destaca que “o grau de coletivização de significação no processo criativo em coletivo impacta diretamente sobre o papel do diretor teatral”. Para justificar sua hipótese, examina as “diferenças metodológicas no trabalho do diretor na criação em coletivo”. De **Rosyane Trotta**, da UNIRIO, que reflete sobre as funções de atuação e direção, “intensivamente implicadas ao longo de todo o processo criativo”, demonstrando que, do ponto de vista da “continuidade”, a concepção metodológica e a dramaturgia são recriações do coletivo. De **Edelcio Mostaço**, da UDESC, que nos apresenta alguns arrazoados da estética da recepção, analisando a performance de Sara Panamby e Filipe Espíndola, e “destacando as funções da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* em relação à obra de arte”. De **Wolfgang Pannek**, da Taanteatro Companhia, que “aborda o tema da presença nas artes performáticas, dando ênfase à relação entre teoria e prática”. De **Bruna Martins Reis**, do IA/UNICAMP, de **Flávia Liberman**, do LEPETS/UNIFESP – Baixada Santista e de **Sérgio Resende Carvalho**, da FCM/UNICAMP), que nos apresentam experiência prática de dança, realizada “com usuários de um serviço de Saúde Mental, portadores de transtornos mentais graves, tendo como premissa a abertura de novas possibilidades de pensar a dança e a clínica da psicologia na Saúde Mental em um território de intercessão e fronteira”.

Por sua vez, **Sara Panamby e Filipe Espíndola**, ao pensarem na “estreita relação entre escrita e corpo”, nos apresentam recortes da performance “Sob o Sol das Cabras”, apresentada no IV Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas, realizado no início de 2015 no auditório do Instituto de Artes da UNICAMP. A ideia é propor que habitemos o próprio objeto em uma perspectiva fenomenológica, vamos dizer extrema, das ações performativas realizadas. Há uma



breve reflexão inicial no texto que serve para conduzir o leitor para a própria profusão de significados que são apresentados “sem compromisso com uma narrativa lógica ou linear”. Por ser em si uma “proposição provocadora”, apresentamos esse trabalho como documento artístico para que realmente mantenha a força carnal de seus devires plenos de possíveis significações. A reflexão proposta por esse texto não estaria pronta como esperamos em um artigo científico, quase como uma bula do que se deve fazer, mas sim uma construção colaborativa/interativa com o leitor, que buscará em suas experiências corpóreas os significados abertos pela verborragia... aberto também porque os autores não pontuam para não restringirem os sentidos. É uma dúvida... É uma afirmação... não sei... só sei que estamos incondicionalmente “sob o sol das cabras”. “Um delírio sobre outro delírio encarnado”.